

Ex.mo e Rev.mo Senhor

Presidente da Junta Central da A.C.P.

Acumulo os cargos de Director do Secretariado Económico-Social com o de Assistente Geral da L.O.C. - acumulação que, se por um lado, prejudica o bom desempenho das duas funções, por outro dá-me um conhecimento mais directo dos meios em que trabalho.

Desde há muito que desejava, na dupla qualidade de Assistente, expôr à Junta Central certos factos que ela precisa de conhecer, para melhor se desempenhar do encargo de orientar superiormente a Acção Católica; mas a falta de tempo tem-me feito profelar o cumprimento d'êste dever. O que ontem me sucedeu, leva-me, porém, a pôr de lado qualquer outra preocupação.

Na sede da Direcção Geral da L.O.C., à rua das Janelas Verdes, deu-se ontem um facto inédito: eu e o Sr. P. Alves Correia, falámos a 18 homens que desejavam ouvir-nos, mas que militam em campos diferentes do nosso. Entre êles, estavam cinco que já sofreram os maiores tormentos pelo seu ideal: um deportado, depois de muitas torturas, em Tomor durante largos anos; outro com três anos de "campo de concentração" do Tarrafal, em Cabo Verde, obrigado a trabalhar com uma picareta, tendo sido sempre empregado de escritório; outro ainda com vinte e oito meses de prisão no destêrro no forte de Angra, etc. O nosso contacto durou três horas e meia.

Desde há muito que desejava prescrutar directamente a alma do comunista sincero. Tive ocasião de a ver algum tanto ontem e as impressões colhidas quero-as transmitir por escrito à Ex.ma Junta.

Logo ao primeiro contacto verifiquei que me tinha de haver com algumas inteligências ilustradas e vontades decididas. Resolvi, por isso, desviar toda a exposição e discussão para o confronto das ideais comunista e cristão, no propósito de lhes fazer compreender a imensa superioridade d'êste sobre aquele. Saí contudo de lá com a impressão de ter obtido bem poucos resultados, precisamente por ter verificado não conhecer tão profundamente a alma comunista como julgava. Daí não tocar aqueles pontos que mais necessidade havia de, com verdade, abordar.

Logo que soube ter um d'êles estado prêso, perguntei se haveria mais algum. Impressionou-me a alegria em que se apresentaram os outros e o brio com que um d'êles me mostrou uma cicatriz, sinal do sacrifício.

Lembrei-me daquela passagem de S. Paulo: "três vezes fui agoutado.. etc."

Ao percorrer a superioridade do nosso sacrifício cristão e, ao recordar-lhes os "Actos" quando nos descrevem a alegria dos apóstolos por terem sido dignos de sofrer por amor de Cristo, responderam-me imediatamente: "a mesma alegria que sentimos quando, depois de ter passado os tormentos das enxovias, da incomunicabilidade e dos açoites, nos transferem para junto de outros que já passaram pela mesma tortura."

São convictos. Acusam-nos de mentir sobre o que é o comunismo, sentem superioridade de fim no seu esforço. Talvez a única coisa que consegui fazer-lhes compreender foi que os nossos ideais seriam idênticos, só com a diferença, diziam, de que nós "criamos" uma vida futura para nos animar, enquanto que êles não precisam dessa "criação" para se sa-



crificar e lutar pela felicidade dos oprimidos.

Confesso a minha tristeza perante a verificação do heroico espirito de sacrificio que ali tinha presente naquelles rapazes e homens já marcados pela dureza do sacrificio próprio em prol do comum. Sempre houve exemplos de sacrificios idênticos através da história, mas estes parecem mais conscientes.

O entusiasmo com que falavam da bela realização social russa, causava impressão. E era irresponsível o argumento do exemplo militar dado ao mundo por um povo de escravizados que encontrou finalmente o caminho da grandeza pela realização da justiça entre os homens.

Da nossa discussão talvez alguma coisa ficasse no fundo daquelas almas, que porventura Deus queira fazer germinar. Na minha alma ficou alguma coisa e foi a convicção de que teremos de rever um pouco a nossa actuação social.

Que falta de preparação a minha para expôr os argumentos que os convencessem e refutassem! Embora tenha estudado o comunismo e ande a ensinar os seus princípios, verifiquei não ter bagagem suficiente a expôr-lhes com eficácia, a não ser a grandeza de Cristo. Bastará?

Se assim desconheço eu, Director do Secretariado Económico-Social e Assistente Geral de Liga Operária Católica, o meio que temos por dever combater e conquistar, como o conhecerão outros que não têm as mesmas possibilidades de conhecimento directo dêsse mesmo meio?

Eu sinto, por não sei que sentido, o quanto se vão aproximando da alma comunista os operários portugueses. Vejo ser apresentada a U.R.S.S. como a libertadora dos povos. Vejo desmoronar-se tódo êsse edificio de frazes feitas sôbre a miséria, a opressão, a desmoralização daquele regime, pela evidência clara dos factos. Li hoje mesmo nos jornais o apêlo angustiado de Hitler ao seu exército sempre vitorioso, agora batido por essa "ralé-miserável - do soldado russo sem disciplina nem ideal".

Pregunto a mim mesmo se continuaremos a agir como se tudo o que se disse da U.R.S.S. sôbre o ponto de vista social fôsse verdade.

Pregunto a mim mesmo se não deveremos ir-nos a adaptando à ideia de que são êsses os novos bárbaros que urge cristianizar.

Não combateremos o comunismo com mentiras. Não levaremos Cristo à alma dos comunistas ou dos simpatizantes, desconhecendo o enseio daquelas almas.

Julgo obrigação opor doutrina lógica àquella lógica doutrina e factos àqueles factos.

Se expús tudo quanto ficou dito, é para chamar a atenção para determinadas tendências desde há muito manifestadas e sôbre as quais me tenho abtido de pronunciar.

Sob o infundado receio de que a Acção Católica venha a cair no êrro da luta de classes, sob o temor sem fundamento de que se crie no campo de Acção Católica o bloco popular "contra" os outros "blocos", tem-se procurado sistematicamente afastar a J.O.C. da L.O.C., como se aquella não fôsse a preparação para esta; tem-se tentado tirar os jocistas do "seu" meio para os colocar noutros meios, como se não tivessem recebido missão apostólica apenas para o seu meio.

O resultado desta dupla tendência é pernicioso.



Por um lado, os jocistas, ao sair da J.O.C. têm-se afastado quasi na totalidade: Por outro lado têm perdido algum tanto o contacto com os meios operários propriamente ditos.

A L.O.C. queixa-se d'este divórcio suicida, e, como veem, por vezes e na vida pratica opor-se J.O.C. a L.O.C., não têm faltado responsáveis no movimento locista a rezear que a Acção Católica leve essa mesma divisão ao seio das famílias: pai locista, filho jocista, a desconhecer-se no apostolado, a seguirem por caminhos diferentes. A convicção de que a A.C. não comprehende a alma operária já afastou alguns dos melhores.

Se não estamos preparados para o dia de amanhã que não sabemos qual é, como nos podemos preparar com estas "separações" propositadas ?

Não se pensa mesmo em fazer órgão da J.O.C. o jornal que desejem passar a quinzenal - Ala ?!

Nunca acreditei que tal pudesse vir a ser possível, mas hoje receio muito que o façam, pois já me veio ao conhecimento que na Juventude Católica já não há secretariados, mas um só secretariado, nem tesourarias, mas uma só tesouraria. Pelo menos o empregado da J.O.C., pelo que me disse da projectada organização, me deixou a convicção de que se tinha dado mais um passo para esse tremendo erro, aliás contrario a tudo quanto há estatuido sobre organização de Acção Católica, pelo Episcopado.

Como responsável sobre o terreno social e como Assistente da L.O.C., sinto-me no dever de chamar a atenção da illustre Junta Central para um erro que julgo filho do desconhecimento das realidades com que temos de contar, e de um espirito que já deu as suas provas.

Que esperança de aqui para o futuro poderá representar a J.O.C. para a Juventude Operária, cuja alma já se não pode iludir com meia duzia de disparates, e que está a sofrer a forte influencia duma doutrina que lhes traz realidades praticas !

Nos meios descristianizados em que temos de trabalhar, é um perigo teimar em fechar os olhos.

Por mim, ilibo as minhas responsabilidades. Desejo também, com esta exposição, chamar a atenção da Junta Central para a responsabilidade que julgo cair sobre a Acção Católica numa hora em que os comunistas, mais abundantes do que se imagina, se manifestam confiados e contentes, por suporem aproximar-se a hora do advento da nova fé.

Tem-me chegado aos ouvidos que a Junta Diocesana da Acção Católica, teria dito, numa recente reunião realizada em Lisboa com as Direcções Diocesanas, que as ordens recebidas de Sua Eminência eram terminantes: desfazer blocos e, por isso, afastar a J.O.C. de qualquer ligação com a L.O.C.

Não creio rezear Sua Eminência que eu, Assistente Geral da L.O.C., pretenda fazer um bloco politico ou social para depois o opor a outros blocos, numa luta bem pouco cristã e de que eu tenho dado provas não estar incumbido.

Repelo a accusação e, por meu lado, passo a afirmar que tenho a convicção - e ninguém mais do que eu tem autoridade para falar (pois além de responsável, lido com tôdas as classes e conheço as misérias de umas e de outras) - de que, a seguir-se por esse caminho, a Acção Católica entre os meios operários desaparecerá, sobretudo nas regiões em que a Igreja é



desconhecida e atacada.

Só nós sabermos o quanto de sacrifício e de trabalho é preciso para conquistar um operário para a Igreja. Dificultar este trabalho sob "esquelas pretextos não é apenas diminuir a Acção Católica., mas lançar sobre os Assistentes um leão de anti-cristãos que, pelo que me respeita, repudio com energia.

Não creio, disse, ser essa a ordem de Sua Eminência. Se o foi, deu-a por estar mal informado.

Peço à Dig.ma Junta Central que convide os informadores a concretizarem a sua acuação e a apresentarem-na verbalmente ou, de preferência, por escrito. Não me parece boa orientação dizer cá fora e aos dirigentes da L.O.C. aquilo que nunca disseram ao Assistente responsável. Se há erros na orientação, porque não os apontam a quem recebeu e tem a missão de orientar? Se os não há - pelo menos a mim ninguém me chamou para eles ainda a atenção, pelo que sempre julguei aprovada a orientação que venho dando à L.O.C..

Como se compreende que desacreditem os Assistentes junto dos dirigentes, fazendo-lhes crer que estão estes a trabalhar contra a orientação e a vontade da Hierarquia? Igreja contra Igreja? Assistente contra Assistente?

Quem são esses que vêm infiltrar na Acção Católica uma nova orientação que não está nos Estatutos? Quem são, donde vieram os que se propõem dar orientação aos operários da A.E., contra a orientação dos Assistentes responsáveis e subrepticamente? Que serviços mostram? Que experiência trazem? Que saber os impõe?

Mesmo que soubessem melhor do que os Assistentes responsáveis o que convém fazer para captar para a Igreja as massas operárias, que espírito de disciplina é esse que pretende dar e dá orientação directa sem se dizer uma palavra ao Assistente que ou tem de ficar mal colocado ou tem de colocar mal quem é indisciplinado.

Também para a gravidade destes factos chamo a atenção da illustre Junta Central, porque podem trazer graves e irreparáveis consequências.

Lisboa, 22 de Dezembro de 1941.